

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

**JOVENS E DOENÇAS MENTAIS: A REPRESENTAÇÃO DE DOENÇAS MENTAIS
NOS PRODUTOS CINEMATOGRAFICOS VOLTADOS AO PÚBLICO JUVENIL**

Orientanda: Isabele Aragaki Rocha da Costa
Orientadora: Lívia Silva de Souza

RESUMO

O artigo tem como objetivo apontar, através da ótica da Análise do Discurso, a forma como filmes do gênero *coming of age* retratam doenças mentais na construção de sua narrativa, com enfoque na construção dos protagonistas. Foram analisados dois filmes da década de 2010: *It's Kind Of A Funny Story* (2010) e *The Edge Of Seventeen* (2016). Através da análise fica evidente como a indústria cinematográfica vem falhando na representação de doenças mentais e o impacto negativo que essa representação tem entre os jovens.

Palavras-chave: doenças mentais, coming of age, amadurecimento, juventude, análise do discurso

ABSTRACT

This article aims to point out, using Discourse Analysis, how the *coming of age* movies portray mental illness in the construction of their narratives, especially when it comes to the main character's construction. For this analysis were selected two movies from 2010s: *It's Kind Of A Funny Story* (2010) and *The Edge of Seventeen* (2016). Through this analysis it becomes evident how the filmmaking industry is flawed when it comes to portray mental illness and the negative impact it has on young people's lives.

Keywords: mental illness, coming of age, representation, youth, discourse analysis

INTRODUÇÃO

Teóricos da linha francesa da Análise do Discurso acreditam que, muito além da mensagem, discursos contêm também todo um contexto dentro de si. Em um período onde suicídio é a segunda maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos¹ e 1 a cada 5 jovens² enfrenta problemas de doença mental, se torna necessário entender a forma como se retrata doenças mentais. Por esses motivos, além do fato de que a mídia tem o poder de influenciar a forma como enxergamos e lidamos com certos temas, vi a necessidade de estudar como o tema "*doenças mentais*" está sendo transmitido em produtos audiovisuais voltados ao público jovem, visto que a sétima arte tem um histórico de representar doenças mentais de forma negativa e estereotipada.

O gênero cinematográfico conhecido como amadurecimento, ou *coming of age*, é o mais utilizado para narrativas voltadas ao público jovem, visto que seu nome vem do termo da língua inglesa *coming of age*, o qual se refere à passagem da adolescência para a vida adulta. Desta forma, o conceito foi utilizado como recorte para o corpus da análise. Sendo assim, os três filmes escolhidos são: *It's Kind Of A Funny Story* (2010) e *The Edge Of Seventeen* (2016) e sua análise foi feita através da ótica da Análise do Discurso.

Na história do cinema há um vasto histórico de filmes que retratam doenças mentais, como os clássicos *Spellbound* (1945), *Harold and Maude* (1971) e *One Flew Over The Cuckoo's Nest* (1975), entretanto optou-se por um recorte temporal que retratasse filmes ao longo de seis anos (2010-2016) por apresentarem dentro de si contextos atuais sobre a representação de doenças mentais no audiovisual.

ANÁLISE DO DISCURSO

Introduzido inicialmente pelo linguista americano Zelling S. Harris, o termo "análise do discurso" percorreu um longo caminho e se segmentou em várias frentes até chegar nos dias de hoje. A linha francesa da análise do discurso é uma das mais influentes e não se limita apenas ao estudo linguístico, e por isso será a linha utilizada para a análise dos filmes escolhidos, em especial as ideias de Michel Pêcheux e Dominique Maingueneau.

A AD (Análise do Discurso) não se baseia apenas na linguística, mas também possui influências do marxismo, com a ideia de que todo discurso carrega uma ideologia dentro de si, e da psicanálise, com a ideia do sujeito. Dessa forma todo discurso, segundo a AD, é assumido por um sujeito e este transmite sua formação ideológica em tal discurso, mesmo que de forma inconsciente. Por *formação ideológica* entende-se que, segundo o marxismo, o sujeito (produtor do discurso) seria dominado pela ideologia e tudo o que ele diz é predeterminado pela sua posição de classe, dessa forma, as ideologias de seu contexto social são transmitidos através de seus discursos. Para a AD, não se pode considerar um discurso sem considerar seu contexto, não há discurso sem seu contexto. Portanto, todo discurso é contextualizado, possui um autor e interlocutor, é portador de normas sociais e se localiza dentro de um interdiscurso, onde faz ligação com outros discursos previamente feitos. Na AD, o discurso não é visto como fonte de dados e sim como o objeto de estudo em si.

Reforçado pelo linguista brasileiro José Luiz Fiorin (1990):

A discussão dos interditos que pesaram sobre a análise do discurso pretende mostrar que o discurso deve ser visto como objeto lingüístico e como objeto histórico. Nem se pode descartar a pesquisa sobre os mecanismos responsáveis pela produção do sentido e pela estruturação do discurso nem sobre os elementos pulsionais e sociais que o atravessam. Esses dois pontos de vista não são excludentes nem metodologicamente heterogêneos. A pesquisa hoje precisa aprofundar o conhecimento dos mecanismos sintáticos e semânticos geradores de sentido; de outro, necessita compreender o discurso como objeto cultural, produzido a partir de certas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos. Detalhemos um pouco mais essas tendências. É preciso ressaltar que aquilo que aqui parece isolado está, na verdade, profundamente imbricado. (FIORIN, 1990 p.176)

Então, por exemplo, ao fazer uma análise fílmica sob a ótica da AD não se pode isolar a narrativa da "vida real", pois a construção desse discurso narrativo se construiu em um contexto sócio-histórico que está enraizado no discurso narrativo do filme.

Em seu livro *Discurso e Análise do Discurso*, Dominique Maingueneau aponta que o discurso ao mesmo tempo que é constituído pelo contexto, ele também *constrói* seu sentido:

Este postulado diz respeito tanto às interações orais entre duas pessoas quanto às produções coletivas destinadas a um público amplo. O sentido de que se trata aqui não é um sentido diretamente acessível, estável, imanente a um enunciado ou a um grupo de enunciados que estaria esperando para ser decifrado: ele é continuamente construído e reconstruído no interior de práticas sociais determinadas. Essa construção do sentido é, certamente, obra de indivíduos, mas de indivíduos inseridos em configurações sociais de diversos níveis.

Dessa forma, percebemos que o discurso simultaneamente influencia e é influenciado pelas práticas sociais de onde se encontra, o que faz com que ao utilizar a AD como metodologia de pesquisa, devemos não apenas estudar como os contextos sócio-históricos afetam a construção narrativa dos filmes, mas também como a narrativa em si poderá afetar o meio em que se encontra.

DOENÇAS MENTAIS NA HISTÓRIA DO CINEMA

As temáticas da mente humana e doenças mentais sempre foram instigantes e bastante abordadas no meio das artes. Nas artes plásticas podemos citar a vanguarda *Surrealista* com sua forte influência da psicanálise (em especial os trabalhos de Sigmund Freud) e a vanguarda *Expressionista*, que buscava mostrar e enaltecer a expressão emocional do ser humano, além de todo o mito do artista torturado e a aura de mistério que se faz sobre a morte do pintor holandês Vincent Van Gogh e a glorificação da mesma. No âmbito musical percebemos essa temática com álbuns como *After Laughter* da banda Paramore e o suicídio do músico Kurt Cobain, e também com os aclamados musicais da *Broadway* como *Dear Evan Hansen* e *Next To Normal*. Dessa forma vemos que não seria diferente com a sétima arte.

Por mais que tenhamos progredido bastante na *desestigmatização* das doenças mentais, o histórico da representação de doenças mentais na história do cinema teve grande impacto na forma como as pessoas viam e, em alguns casos, ainda veem doenças mentais.

O caso mais famoso desse impacto é o filme *One Flew Over The Cuckoo's Nest* (ou, *Um Estranho no Ninho*) que, de acordo com uma pesquisa realizada em 1983 pela Universidade do Arizona, após assistirem esse filme, os espectadores desenvolveram mais atitudes negativas em relação a pessoas com doenças mentais,

mas apesar disso o tratamento de choque começou a ser visto como negativo. O estudo foi feito com 146 estudantes do ensino superior e lhes foram aplicados um questionário antes de eles assistirem ao filme e depois de assistirem.

Filmes infantis

Em uma pesquisa publicada em 2004 no *The Canadian Journal of Psychiatry* foram analisados 34 filmes animados da Disney e sua representação de doenças mentais. Essa pesquisa foi realizada devido ao interesse em descobrir como tal assunto estava sendo passado para crianças, sendo ainda justificado pois uma exposição a esses temas de forma errada e estereotipada pode resultar em medo, rejeição e preconceito para pessoas com doenças mentais por parte das crianças. Em estudos citados na pesquisa afirma-se que tais atitudes tendem a ser levadas para a vida adulta, perpetuando estereótipos e a visão negativa sobre o assunto.

Como resultado, descobriram que, juntando personagens principais e secundários, 85% das animações da Disney possuem personagens com doenças mentais e 21% de todos os personagens principais eram referidos como doentes mentais (como por exemplo Jafar de Aladdin e Maurice da Bela e a Fera). Na época, a taxa de incidência de doenças mentais mundial era de 9,5%, sendo extremamente inferior à taxa descoberta nos filmes da Disney, o que mostra que as crianças que assistem aos filmes da The Walt Disney Company são muito mais expostas ao tema do que se costuma ver na televisão ou até mesmo na vida real. Isso pode gerar nas crianças uma visão irreal e estereotipada de pessoas com doenças mentais, visto que sua fonte de contato com o tema é primariamente através das animações.

Além disso, o estudo notou que o vocabulário e atitudes de outros personagens para com o personagem representado como doente mental, junto de sua construção na narrativa, sempre passam a ideia de que eles devem ser isolados, temidos ou ridicularizados.

Uso de doenças mentais na construção de filmes de terror

Ao contrário do que se comumente acredita, filmes de terror não são apenas histórias ficcionais para nos assustar e entreter, eles também podem ser vistos como reflexo da sociedade na época em que foi produzido, assim como seus medos. Em um texto publicado na edição online da revista científica *The Lancet*, percebemos que houve uma mudança na forma de se fazer filmes de terror. Com o surgimento de ameaças mais complexas como guerras, bombas, mudanças climáticas e etc, nossos medos também ganharam maior complexidade, o que fez com que por volta dos anos de 1970 os finais dos filmes de horror, que antes passavam a tranquilidade de que todo o mal havia sido combatido, agora passassem a ser abertos e sugerindo que o vilão poderia retornar (um dos exemplos citados no artigo refere a cena final de *Carrie, a Estranha* (1976), onde ela se levanta do túmulo ao final do filme). Essa mudança de um horror mais tranquilo e "seguro" para um horror paranoico que implicava que o problema está enraizado na sociedade e em nós mesmos foi notada por Bruce Ballon e Melyn Leszcz em 2007.

Por refletirem nossos medos enquanto sociedade, os filmes de terror seguem sendo um sucesso e ocupando grande parte da indústria cinematográfica, indo de filmes chamados de "trash" (ou tosco) para filmes feitos por renomadas produtoras como a A24 (produtora de filmes independente que é bastante popular entre cinéfilos, em especial *Millennials* e Geração Z). As temáticas sempre evoluindo conforme nossos medos evoluem como o medo do futuro, medo de perder entes queridos e, por mais que as temáticas dos filmes desse gênero mudem o medo que parece recorrente (além do medo de morrer), o medo de problemas de doenças mentais.

Desde os primórdios da história do cinema, sempre se pode perceber doenças mentais sendo representadas em filmes, como *The Maniac Cook*, curta de 1909 dirigido por D. W. Griffith e que acredita-se ser o primeiro filme a representar violência como consequência de doença mental, e o clássico do expressionismo alemão *Das Cabinet des Dr. Caligari* (O Gabinete do Dr. Caligari) de 1920. Alfred Hitchcock, também conhecido como Mestre do Suspense, se utilizou muito de doenças mentais em seus filmes como *Spellbound* (Quando Fala O Coração) e o famoso *Psycho* (Psicose). Em *Spellbound* de 1940 vemos forte influência da vanguarda artística do Surrealismo, tendo inclusive o pintor Salvador Dalí trabalhando na direção de arte, e utiliza conhecimentos de psicoterapia de uma forma a resolver o assassinato, o que

é algo positivo. Entretanto, 20 anos depois ao lançar *Psycho*, o personagem Norman Bates foi um retrocesso para a desestigmatização de doenças mentais.

Um recurso muito utilizado em filmes do gênero de terror é a construção do vilão como doente mental, um exemplo disso é o personagem Michael Myers do filme *Halloween* de John Carpenter lançado em 1978, o qual serviu de inspiração para a criação de muitos outros personagens do gênero cinematográfico. Carpenter não é um desconhecedor de doenças mentais, visto que em seu período de estudante de faculdade ele visitou uma clínica psiquiátrica e em seu relato dizia ser muito deprimente e um dos pacientes lhe aparentava ser o Demônio, lhe dando a ideia do mal que seria utilizada em seus filmes da franquia *Halloween*, onde a doença mental é o claro motivo que tornou Michael Myers um serial killer.

A desumanização dos personagens ajuda no distanciamento com a realidade e aumenta a eficácia da narrativa em gerar medo no espectador, entretanto essa desumanização é feita a partir de estereótipos de pessoas com doenças mentais, como isolamento social, introspecção e seus transtornos raramente são explicados de fato, e isso se deve para que o mistério e o estranhamento se mantenham.

A visão de pessoas com doenças mentais como demoníacas e até mesmo com poderes sobrenaturais ou animaisos não ficou apenas nos filmes slasher dos anos 80, filmes como *Hereditário* de 2018, a trilogia *Unbreakable* de M. Night Shyamalan, em especial os filmes *Split (Fragmentado)* de 2016 e *Glass (Vidro)* de 2019 - onde o personagem principal sofre de transtorno de personalidade múltipla, e uma dessas personalidades é bestial e possui poderes sobrehumanos - continuam a propagar a imagem pejorativa e errônea de pessoas com doenças mentais.

Outro recurso muito utilizado para gerar terror e agonia nos espectadores é ambientar a narração em um manicômio, seja ele abandonado ou não. Isso combinado com a recorrente representação de psicoterapia como forma de tortura também reforçam a visão negativa que se tem sobre o assunto.

ANÁLISE DOS FILMES ESCOLHIDOS

Como mencionado, o gênero cinematográfico mais utilizado para se comunicar com jovens e até mesmo contar histórias dessa época da vida é o gênero chamado de amadurecimento, ou *coming of age*. Os filmes escolhidos possuem algumas

semelhanças entre si, e entre elas está que nenhum dos filmes possui uma grande produção com planos e fotografia diferenciados. São filmes "mais fáceis de digerir" na questão técnica e que se encaixam na parte mais "comercial" da indústria cinematográfica, o que torna fácil seu acesso e compreensão de conteúdo.

Iniciamos a análise com *It's Kind Of A Funny Story* de 2010, filme baseado no livro de mesmo nome, escrito pelo autor americano Ned Vizzini e tem inspiração em suas experiências com doenças mentais. O longa conta a história de Craig Gilner, um adolescente de ensino médio que decide se internar em uma clínica após recorrentes pensamentos suicidas e ansiedade.

Desde o princípio, a narrativa isola Craig do resto dos personagens de várias formas, sejam elas técnicas ao colocá-lo separado em um plano e sua família ou grupo de amigos juntos em outro, ou dentro da narrativa quando ele sozinho se interna na clínica psiquiátrica. Esse isolamento do personagem tende a reforçar os estereótipos mencionados anteriormente de que pessoas com doenças mentais são reclusos e separados da sociedade, entretanto, ao passo em que Craig vai aprendendo a lidar com seus transtornos, ele passa a se conectar melhor com as pessoas de sua vida como seu melhor amigo, família e sua paquera, Noelle. Essa evolução fica mais evidente se compararmos a primeira e a última cena do filme. Na primeira cena vemos Craig em um sonho, no qual ele está prestes a se matar, e a cena é composta por tons majoritariamente frios, enquanto na última cena, na qual o protagonista faz planos animados para o futuro e abraça sua vontade de viver, a cena é composta por tons majoritariamente quentes.

O protagonista, Craig Gilner, é construído como um jovem de classe média que reside em Nova Iorque e frequenta a melhor escola de ensino médio voltado a jovens que desejam ser empresários. Apesar de fazer acompanhamento psicológico mensalmente, ele não leva sua depressão a sério, chegando até a parar por conta própria de tomar o antidepressivo que lhe foi receitado. Ademais, Craig não acha que possui motivos válidos para ter depressão, o que, mais uma vez, nos mostra que em seu meio social não se discute muito sobre o tema. Craig também possui indícios de baixa autoestima, como a constante comparação com seu melhor amigo (o qual julga ser mais descolado e inteligente), evita fazer coisas por medo de falhar, sempre se

rebaixa ao longo da narrativa, analisa as coisas demais, mas tem medo de falar o que está pensando e, sempre se coloca em último lugar.

Os medos e anseios retratados no filme catastrofizam o futuro, como o medo de Craig de que se não atingir uma excelência acadêmica ele não entrará em uma boa faculdade e por isso sua vida estará arruinada, além do medo de decepcionar os pais. Isso sugere, visto que segundo Maingueneau (2014) o discurso é "uma representação do mundo", que as preocupações e anseios dos jovens da década de 2010 se diferem daqueles enfrentados por jovens de décadas passadas, como podemos ver espelhados em personagens clássicos como Ferris Bueller e outros inúmeros personagens dos filmes de John Hughes, os quais tinham como maior preocupação a auto afirmação, auto descobrimento e aproveitar a vida enquanto se é jovem. Em *It's Kind Of A Funny Story* vemos o personagem principal priorizar seus estudos e futuro acima de sua saúde mental por julgar mais importante e fundamental para não ter uma vida deplorável. De certa forma sacrifica-se a juventude pelo medo de que o incerto futuro que lhes esperam seja um fracasso.

O filme também ilustra de forma didática e bem orgânica dentro de sua narrativa temas como distúrbios alimentares, depressão e várias outras doenças mentais, e, considerando que o discurso também constrói seu sentido, isso pode levar os jovens espectadores a encararem com mais naturalidade tais temas.

A surpresa de Craig quando os funcionários do hospital reagem com naturalidade e não com choque quando ele fala de sua depressão e ansiedade indica que em seu meio social ainda é visto como tabu o assunto, e que não se fala muito sobre. Não obstante, conforme os dias na clínica se passam, vemos Craig desconstruir a imagem que previamente possuía sobre pessoas com doenças mentais.

Avançando seis anos, chegamos no filme *The Edge Of Seventeen*, o qual narra a história de Nadine, uma jovem adolescente que se sente traída pela melhor amiga após ela começar a namorar seu irmão, o que faz com que Nadine se aprofunde em um caminho de autossabotagem ao longo do filme. O longa se inicia com a protagonista encontrando seu professor e dizendo a ele que iria se matar e este por sua vez reage de forma a ridicularizar a menina e não levá-la a sério, o que pode desencorajar jovens a pedirem ajuda. A construção do personagem do professor ao

longo da narrativa indica em seu discurso uma falta de preparo da parte dos professores e funcionários de escolas em lidar com jovens com doenças mentais e lhes fornecerem a atenção e encaminhá-los para os tratamentos que necessitam.

Nadine é construída como uma típica adolescente irritante, egocêntrica e exageradamente dramática que possui problemas de autoestima e uma relação bastante conturbada com seu irmão e sua mãe, que se agravou depois da morte de seu pai. Apesar de lidar com temas como luto e suicídio através da personagem, a construção narrativa falha em separar o que é parte do quadro de sua provável depressão e o que são apenas as atitudes juvenis, o que tende a ser prejudicial para a representação de doenças mentais.

Vemos Nadine tomar um caminho oposto ao de Craig, no qual ao invés de colocar os outros acima de si e se deixar em segundo plano, a garota se deixa levar em um caminho egocêntrico de achar que é a única que está sofrendo e que isso é uma desculpa para todos se portarem da forma como espera e tratar a todos como personagens secundários em sua vida, o que pode indicativo de um transtorno de personalidade narcisista, caracterizado (segundo informações do DSM-V, Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, que batem com as atitudes de Nadine) pelo seu comportamento arrogante e pouco assertivo, esperar que os outros cumpram inquestionavelmente suas expectativas, possuir uma incapacidade e/ou falta de vontade para perceber e reconhecer as necessidades e sentimentos alheios, e seu senso exagerado de auto-importância e falta de empatia. O transtorno de personalidade narcisista pode ser acompanhado também de um quadro depressivo. A personagem Krista, melhor amiga de Nadine, é introduzida desde cedo na narrativa como um suporte emocional para a protagonista, sendo sua salvação de uma vida triste e sem amigos, e sendo a pessoa que sempre a fazia se sentir melhor quando brigava com a mãe ou irmão e na morte de seu pai. Quando Krista parou de agir da forma que Nadine esperava ao começar a namorar seu irmão, a protagonista a cortou de sua vida e sentiu o pouco controle que tinha de sua vida se esvaír, como se sua estabilidade emocional dependesse totalmente da companhia da amiga, mas apenas da forma que ela queria que a outra agisse. A relação de Krista e Nadine indica a pressão que os jovens colocam em amizades e encontrar amigos que lhe acolham, afastando o medo de estar só.

A falta da separação entre quadro de doença mental e a personalidade de Nadine mencionado anteriormente leva o espectador a confundir os dois e a achar que a reação dela de querer se matar apenas pelo fato de que sua melhor amiga namora seu irmão é apenas um dos grandes momentos dramáticos da personagem. Entretanto, se observamos mais atentamente o padrão nas atitudes da protagonista, vemos que a autossabotagem que é bem recorrente em suas ações é uma das características de pessoas com baixa autoestima, que também fica evidente nas várias comparações de Nadine com seu irmão e na cena em que um corte de cabelo ruim a faz odiar toda sua aparência, e a baixa autoestima por sua vez é um dos sinais de depressão apresentados por Nadine, assim como sentimentos de desesperança/luto/pessimismo, irritabilidade e pensamentos suicidas.

Em uma análise ainda mais atenta da personagem podemos nos deparar também em características de um transtorno de personalidade borderline (também retirados do DSM-V) como ameaças suicidas, instabilidade afetiva que se deve a uma acentuada reatividade de humor, sentimentos crônicos de vazio, impulsividade e atitudes potencialmente autodestrutivas, instabilidade acentuada e persistente da autoimagem (ou percepção de si), além de um padrão de relacionamentos instáveis que se caracteriza por uma alternância entre extremos de idealização e desvalorização. Em várias críticas do filme, sejam elas positivas ou negativas, é indicado apenas como depressão o quadro de Nadine e mesmo no trailer do filme é usada a cena em que Nadine fala que vai se matar como um atrativo para o filme, e isso expõe que, no contexto sócio-histórico que nos encontramos, a concepção do público geral sobre doenças mentais tende a ser limitado e geralmente se voltar para depressão e ansiedade, associando suicídio somente com o quadro depressivo. Mesmo com a pouca representação de doenças mentais no audiovisual, a depressão e suicídio são as mais vendáveis ao público do que um transtorno de personalidade narcisista, por exemplo. O que indica que ainda possuímos um longo caminho a percorrer quando se trata da representação de doenças mentais, pois apesar de a construção da personagem evidenciar mais o quadro de transtorno de personalidade narcisista e transtorno de personalidade borderline, a depressão foi a mais associada na hora de vender e fazer as críticas do filme.

Podemos ver a relação de Nadine com o professor como, além de um indicativo de sua solidão, um pedido de ajuda por não saber lidar com seu estado emocional e a figura do professor, por ser um adulto mais acessível que sua mãe e por ainda estar de luto pela morte de seu pai, faz com que o veja como uma figura paterna que pode lhe ajudar nesse processo.

Há também uma cena em que Nadine conversa com um amigo e comenta ter tomado antidepressivos, e seu amigo reage com naturalidade sobre isso, o que pode indicar que para os jovens desse período, falar de doenças mentais é mais natural e menos estigmatizado do que no começo da década como vimos em *It's Kind Of A Funny Story*.

Os filmes apresentados acima nos fornecem alguns pontos para entender um cenário mais atual da representação de doenças mentais nos filmes voltados ao público jovem e, lembrando que segundo a AD não há discurso sem seu contexto sócio-histórico, com isso também servem como indicativos sobre como esse tópico era percebido em nossa sociedade durante o período de 2010-2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fonte primária através da qual crianças e jovens assimilam doenças mentais tende ser o audiovisual, como apontado na pesquisa realizada pelo *The Canadian Journal of Psychiatry* citada no capítulo 2, e tal percepção tende a ser levada até a vida adulta. Dessa forma, se faz de suma importância a representação correta e assertiva de doenças mentais nos filmes do gênero *coming of age*.

A sétima arte sempre abordou essa temática, entretanto sua representação é majoritariamente pejorativa e prejudicial à imagem de pessoas com doenças mentais, especialmente pelo seu histórico vinculado a vilões de filmes de terror que se mantém até os dias de hoje.

Através da ótica da AD percebemos que os filmes escolhidos, *It's Kind of a Funny Story*(2010) e *The Edge of Seventeen*(2016), carregam dentro de si a perpetuação de algumas estigmas associadas a pessoas com doenças mentais e dessa forma a sociedade em si também carrega tais estigmas. O filme *It's Kind of a Funny Story* explicitou o medo que essa nova geração de jovens possui acerca de seu futuro, além peso e ansiedade associados com a escola por ser o que associam

lhe garantir um bom futuro. Já em *The Edge of Seventeen* percebemos como o sistema educacional está despreparado para lidar com jovens com doenças mentais. Isso torna o ambiente escolar um dos motivos pelos quais jovens desenvolvem ansiedade ao passo que este mesmo ambiente falha em fornecer ajuda para seus estudantes. Portanto, uma má representação de doenças mentais em filmes voltados a esse público, como encontramos no segundo filme, é irresponsável para com o bem-estar desses jovens.

A presença de doenças mentais em filmes de amadurecimento é bem escassa, mas quando ela existe tende conter suicídio e este por sua vez é majoritariamente associado com depressão, mesmo que esta não seja a única doença mental que leve a tal ato, indicando que depressão e suicídio são os mais vendáveis e, de certa forma, atraentes ao público. Isso pode resultar no caso de *The Edge of Seventeen*, onde Nadine apresenta mais sinais de transtorno de personalidade borderline e transtorno de personalidade narcisista do que puramente depressão, ainda assim o quadro da personagem foi assimilado como tal pelos críticos.

Em um cenário onde suicídio é a segunda maior causa de morte entre jovens não podemos continuar cometendo tais erros. Para o futuro da indústria cinematográfica deve-se começar a representar doenças mentais de formas mais assertivas e verdadeiras, e não se limitar apenas a depressão. A falta de representação de outras doenças mentais indica que como sociedade temos ficado na zona de conforto ao representar e assimilar apenas os transtornos com os quais nos sentimos confortáveis, o que além de não ser frutífero para a compreensão desses transtornos, mostra que há pessoas que sofrem desses transtornos que não se veem incluídas e representadas nos produtos audiovisuais que consomem. É nosso dever para com elas e para com todos os jovens passar a representar doenças mentais da melhor maneira possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANÁLISE do discurso - conceitos básicos. [S. l.: s. n.]. Disponível em: <https://youtu.be/XOGsP8P1Np8>. Acesso em: 9 maio 2020.

DOMINO, G. (1983). *Impact of the Film, "One Flew over the Cuckoo's Nest," on Attitudes towards Mental Illness. Psychological Reports, 53(1), 179–182.* doi:10.2466/pr0.1983.53.1.179

FIORIN, J. L. Tendências da Análise do Discurso. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, v. 19, p. 173-179, 3 nov. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636834>> Acesso em: 25 ago. 2020.

FORCEN, Fernando Espi; FRIEDMAN, Susan Hatters; SHAND, John Preston. **The horror, the horror: stigma on screen.** The Lancet, [s. l.], v. 1, p. 423-425, Novembro 2014. DOI [http://dx.doi.org/10.1016/S2215-0366\(14\)00014-5](http://dx.doi.org/10.1016/S2215-0366(14)00014-5). Disponível em: <https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S2215-0366%2814%2900014-5>. Acesso em: 16 jul. 2020.

FOUTS, Gregory; LAWSON, Andrea. **Mental Illness in Disney Animated Films.** Canadian Journal of Psychiatry, [S. l.], v. 49, p. 310-314, 5 maio 2004. DOI 10.1177/070674370404900506. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/070674370404900506>. Acesso em: 18 jul. 2020.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. **A análise do discurso: conceitos e aplicações.** ALFA: Revista de Linguística, v. 39, 1995 - A análise do discurso. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/107724>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

HAIDER, Arwa. **How cinema stigmatises mental illness.** BBC, 27 ago. 2018 Disponível em: <<https://www.bbc.com/culture/article/20180828-how-cinema-stigmatises-mental-illness>>. Acesso em: 10 out. 2019.

IT'S Kind Of A Funny Story. Direção: Anna Boden, Ryan Fleck. Intérprete: Keir Gilchrist, Zach Galifianakis, Emma Roberts, Viola Davis. Roteiro: Anna Boden , Ryan Fleck. EUA: [s. n.], 2010. Disponível em: Netflix. Acesso em: 31 out. 2019.
LANG, Brent. Movies, TV Shows Fall Short in Depicting Mental Health Issues (Study). Variety, 30 mai. 2019. Disponível em: <<https://variety.com/2019/film/news/mental-health-movies-tv-shows-1203229272/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

LAWSON, Andrea; FOUTS, Gregory. Mental Illness in Disney Animated Films. The Canadian Journal of Psychiatry, [S. l.], v. 49, n. 5, p. 310-314, maio 2004. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/070674370404900506>>. Acesso em: 26 jul. 2020.

MACDONALD, FRAZER. **How Halloween stoked our fears and misunderstanding of mental illness:** In Michael Myers, director John Carpenter created an enduring yet harmful horror archetype.. Little White Lies, 12 out. 2018. Disponível em: <<https://lwlies.com/articles/halloween-michael-myers-mental-illness/>>. Acesso em: 3 ago. 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. 1. ed. São Paulo: parábola, 2015. p. 5-190.

MOURA, Eduardo Cardoso de. **Transtorno de personalidade borderline**: como diagnosticar. Vittude, 13 nov. 2019. Disponível em: <https://pebmed.com.br/borderline-como-identificar-e-tratar-o-paciente-com-o-transtorno/>. Acesso em: 24 ago. 2020.

OMS: 1 em cada 5 adolescentes enfrenta problemas de saúde mental. Nações Unidas Brasil, 10 out. 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oms-1-em-cada-5-adolescentes-enfrenta-problemas-de-saude-mental/>. Acesso em: 6 ago. 2019.

PIMENTA, Tatiana. **Transtorno de personalidade narcisista**: tudo que preciso saber à respeito. Vittude, 14 jun. 2018. Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/transtorno-de-personalidade-narcisista/>. Acesso em: 24 ago. 2020.

PIMENTA, Tatiana. **Sintomas de depressão**: 13 sinais que você precisa conhecer. Vittude, 4 jul. 2017. Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/13-sintomas-de-depressao/>. Acesso em: 24 ago. 2020.

SUICÍDIO é a segunda causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos, revela OMS. Istoé, 9 set. 2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/suicidio-a-segunda-causa-de-morte-entre-jovens-de-15-a-29-anos-revela-oms/>. Acesso em: 6 out. 2019.

THE EDGE of Seventeen. Direção: Kelly Fremon Craig. Intérprete: Hailee Steinfeld, Haley Lu Richardson, Blake Jenner, Woody Harrelson. Roteiro: Kelly Fremon Craig. EUA: [s. n.], 2016. Disponível em: Netflix. Acesso em: 31 out. 2019.